



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TRABALHO COM MAPAS E FORMAÇÃO DO LEITOR CONSCIENTE: RELATOS DO SUBPROJETO DE GEOGRAFIA PIBID/UEPB

Natália Farias de Barros ; Josandra Araújo Barreto de Melo; Giusepp Cassimiro da Silva
*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, nataliafariasbarros@hotmail.com; Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, ajosandra@yahoo.com.br; Universidade Estadual da Paraíba - UEPB,
g.sepp@hotmail.com*

Resumo:

O objetivo deste estudo é investigar de que maneira o professor de Geografia pode despertar nos alunos, a partir das intervenções e/ou colaborações em suas aulas, a realização de leituras críticas, através da correlação entre os mapas físicos e políticos do Brasil. Esta pesquisa foi desenvolvida por uma graduanda, um supervisor e a coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência da Universidade Estadual da Paraíba em uma escola pública da cidade de Campina Grande com uma turma de 2ºano do ensino médio. Os resultados apontam que ao final das intervenções os alunos demonstraram uma melhoria na participação das aulas, entretanto faz-se necessário dar continuidade a essa prática docente para que resultados ainda mais positivos possam ser obtidos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Cartografia Escolar, Leitura crítica.

INTRODUÇÃO

A formação de um cidadão crítico e reflexivo está diretamente aliada a sua formação escolar, portanto para que essa educação nas escolas seja efetivamente garantida, documentos oficiais apontam a importância da prática docente direcionada para o auxílio da formação desse cidadão. Assim, a ciência cartográfica contribui para auxiliar a prática do professor de Geografia nessa vertente, tendo em vista que o homem se utilizou dessa linguagem geográfica para se localizar e compreender o espaço ao seu redor, desde seus primórdios, aprimorando o espaço e vivenciando-o de maneiras diferentes. Portanto, pode-se dizer que essa ciência possui uma importância construída historicamente, através das práticas do homem em sociedade, e de sua interação com o espaço.



Atualmente, a ciência cartográfica está inserida em diversos âmbitos da sociedade, ou seja, ganhou uma pluralidade através dos tempos, como a autora Oliveira (2007) mesmo cita, portanto auxilia o homem de diversas maneiras a conviver com o seu espaço, de forma cada vez mais harmoniosa. Portanto, o significado de se trabalhar com essa ciência não parte apenas do princípio de que a mesma contém um valor histórico, mas também há a importância curricular, uma vez que um dos objetivos referentes ao ensino médio indicam a necessidade do desenvolvimento da linguagem cartográfica, dentre outras linguagens. Nessa vertente, estudos teóricos indicam a relevância do trabalho com a linguagem cartográfica, de modo a guiar o educando a desenvolver suas competências críticas.

Com base nestas perspectivas, foi analisada a relevância de se trabalhar com a linguagem da Geografia para gerar reflexões e discussões em sala, assim gerando um espaço de construção e desenvolvimento do cidadão crítico e consciente do espaço em que está inserido. Entretanto, para a consolidação dessas ideias é necessário que haja um método diferente para gerar e transmitir tais percepções, assim sendo necessário criar estratégias que possibilitem aos alunos apreciarem a realidade ao seu redor, por uma nova perspectiva.

Pelo exposto, no contexto das ações desenvolvidas na E.E.E.F.M. São Sebastião, contemplada no Subprojeto de Geografia – PIBID/CAPES/UEPB, o objetivo desta pesquisa é investigar de que maneira o bolsista de tal programa pode despertar, a partir das intervenções e/ou colaborações nas aulas do professor supervisor, os alunos do ensino básico a realizarem leituras críticas, a partir da correlação entre os mapas físicos e políticos do Brasil. A escolha por trabalhar este tema deve-se ao fato de que o mesmo estava sendo discutido pelo professor da disciplina, haja vista integrar o currículo de Geografia no 2º ano do Ensino Médio, e também pela necessidade da formação do aluno crítico.

2. METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O presente trabalho classifica-se como um estudo de caso, visto que investiga a realidade de uma sala de aula específica (GIL, 2008). A pesquisa trabalha com uma turma referente ao 2º ano do Ensino Médio, que é composta por 18 alunos, na E.E.E.F.M. São Sebastião, referente a rede pública de ensino, localizada no bairro de Alto Branco, na cidade de Campina Grande, PB (Figura 1).

Figura 1: Localização da E.E.E.F.M. São Sebastião, Campina Grande, PB.



Fonte: Imagem retirada do Google Earth- visualização via satélite

Após um período de observação da turma, e de reuniões entre o professor supervisor e a bolsista PIBID, foi estabelecido trabalhar primeiramente com o tema Domínios Morfoclimáticos brasileiros, o qual é um dos conteúdos do currículo no 2º ano do Ensino Médio. Para desenvolver tal tema, foi necessário aliar o uso de diferentes materiais didáticos, sendo eles: mapas, slides, músicas e charges como textos complementares de leitura crítica.

Para a aplicação dos recursos metodológicos selecionados foi necessário aliar o conteúdo (domínios morfoclimáticos) à realidade vivenciada no dia a dia dos estudantes, para que, desta maneira, eles pudessem, em uma perspectiva mais clara, compreender o conteúdo a ser trabalhado, e que o mesmo tem conexão com o cotidiano deles, como também compreenderem e questionarem o contexto social em que eles estão envolvidos para que, a partir destas percepções, pudessem atuar de maneira efetiva no âmbito social, como a autora Damiani (2001) menciona que, se conhecermos o nosso



espaço poderemos compreender as relações das quais somos sujeitos e estamos sujeitos. Desta forma, o trabalho com mapas foi significativo, visto que pôde possibilitar a compreensão do espaço em que os educandos estão inseridos para, a partir disso, possibilitar uma leitura mais ampla do espaço, de modo a guiá-los a uma leitura consciente de mapas, como Almeida; Passini (2001) propõem.

Outra relevante questão para que o projeto buscasse atingir o objetivo proposto desta pesquisa, foi aplicar uma metodologia que proporcionasse ao professor em formação inicial a apresentação e discussão do conteúdo indicado de forma dinâmica, tendo como preocupação principal atender as necessidades contextualizadas dos alunos. Para que esta prática obtivesse êxito, nos baseamos especialmente em Almeida; Passini (2001) e Simielli (2007)

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Visando atingir os objetivos, nosso trabalho encontra-se em dois momentos: o planejamento das aulas e a implementação do projeto de intervenção e/ou colaboração.

3.1. Planejamento das Aulas

Inicialmente, foi realizado um diagnóstico da turma pela bolsista, a partir das observações da prática do professor da disciplina na turma em que vem sendo efetivada a pesquisa. A partir de tal vivência pôde-se analisar as necessidades dos educandos em relação ao ensino de Geografia. Alguns pontos principais foram diagnosticados, como por exemplo: a falta de interesse com a disciplina, a pouca participação em sala, e o grande número de faltas sem uma justificativa plausível. Outro meio de analisar a turma foi através da aplicação de um questionário que sinalizou as opiniões dos alunos sobre as lacunas que permeavam o ensino de Geografia em sala de aula.

Juntamente com as percepções acerca da sala, foram realizadas leituras teóricas e pesquisas, de forma a construir a base epistemológica necessária para suprir as lacunas



anteriormente analisadas, de modo a colaborar com o processo de ensino e aprendizagem no área de ensino de Geografia.

Na busca da compreensão acerca do objetivo do ensino do mapa faz-se necessário concebê-los como um meio de comunicação espacial (OLIVEIRA, 2007, p. 16). Esta autora também explicita que os mapas assumem um “lugar de destaque na Geografia, porque são, ao mesmo tempo, instrumentos de trabalho, registro e armazenamento de informação, além de um modo de expressão e comunicação, uma linguagem gráfica”. Desta forma, se faz evidente que para estudar o Espaço, necessita-se de uma linguagem que auxilie a compreender o mesmo, e uma dessas possibilidades é a cartografia, que é a linguagem do espaço, neste caso utilizada para a compreensão do conteúdo domínios morfoclimáticos.

Tendo em vista o valor que o mapa exerce na ciência geográfica, é necessário que o educador esteja apto para trabalhar com tal linguagem, de forma esclarecedora, ou seja, o educador deve estar consciente de que tipo de trabalho realizará com o mapa, conforme Oliveira afirma “O valor do mapa está naquilo que o professor se propõe a fazer com ele” (*op. cit.*, p. 23), ou seja, analisar para qual vertente o professor vai conduzir essa linguagem, que seja de uma maneira que colabore para o processo de aprendizagem dos estudantes.

Também se faz válido ressaltar a importância da qualidade dos mapas utilizados. Conforme Oliveira (2007), faz-se importante trabalhar com um bom mapa, sendo ele um instrumento que represente, da maneira correta, o que se pretende mostrar, no caso do tema trabalhado, foram utilizados mapas os quais atendessem a necessidade dos temas, como: relevo, vegetação, clima e hidrografia.

Diante da importância dos mapas e das diversas funções que o mesmo assume, a bolsista escolheu usar tal ferramenta para estimular a capacidade crítica e, conseqüentemente, questionadoras dos alunos, para que, a partir de tais descobertas em sala, eles pudessem desenvolver análises sobre o espaço que os permeiam e que eles estão envolvidos, assim agindo sobre esse ambiente de maneira efetiva e transformadora. Considerando-se tal perspectiva, Visentini (2001, p. 24) apresenta a



II CONEDU

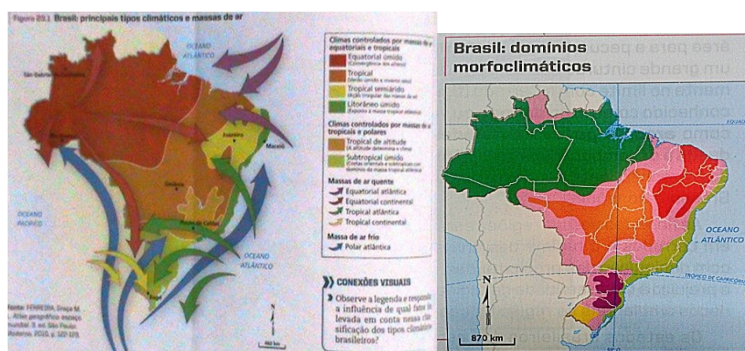
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vertente de um verdadeiro educador como àquele que contribui para “autonomia, criatividade e senso crítico” do educando, portanto a prática docente não representa apenas seguir o currículo, mas além de guiar-se por tal documento, é fundamental que o educador colabore na formação cidadã.

Outro ponto que foi salientado foi referente à necessidade da junção entre teoria e realidade dos educandos, já que é a partir desta conexão que há um processo de aprendizagem significativo e relevante, ou seja, aquele que aguça e estimula o interesse do aluno. Assim, esta ligação entre o espaço estudado e o vivido se correlaciona para a melhor compreensão do tema a ser estudando, como cita Damiani (2001, p. 50) “conhecer o espaço é conhecer a rede de relações a que se está sujeito, da qual se é sujeito”.

Diante de tais concepções adquiridas, a bolsista elaborou as aulas, tendo como base o conteúdo sobre *Domínios Morfoclimáticos*. Para o desenvolvimento de atividades foram utilizados os mapas físicos de clima, relevo e vegetação (vide a seguir Figuras 2 e 3), e hidrografia, e em paralelo o tema acerca da questão hídrica no Nordeste, fazendo ponte com o clima desta região, assim como a biopirataria restringindo ao Brasil e depois a sua recorrência no bioma da Caatinga, que é predominante na região Nordeste. Mediante o exposto, essa união entre o espaço estudado e o espaço vivido é fundamental para uma prática significativa no contexto geográfico.

Figuras 2 e 3: Climas do Brasil e massas de ar; Domínios morfoclimáticos do Brasil.



Fonte: <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt->



3.2. Implementação do projeto de intervenção e/ou colaboração

Neste subtópico, realizou-se uma análise sucinta das oito aulas em que houve intervenção pela bolsista do PIBID, com a orientação da coordenadora de área e do supervisor do subprojeto PIBID/CAPES/UEPB Geografia, tendo como base os estudos teóricos indicados no subitem anterior e a realidade da turma.

As duas primeiras aulas tiveram como objetivo a revisão e discussão dos climas do Brasil. Para o início da primeira aula, a bolsista apresentou o desenvolvimento histórico da cartografia para que os alunos pudessem ter um conhecimento prévio sobre o que seria trabalhado em sala de aula. Como resultado, observou-se uma pequena participação e o pouco interesse dos alunos frente ao assunto exposto. Em seguida, foi aplicada a revisão sobre climas do Brasil. Para tal atividade, utilizaram-se tanto slides, que continham os tipos de climas brasileiros, quanto mapas representando os climas e os domínios morfoclimáticos distribuídos neste país.

Observou-se que no momento de revisão a bolsista abriu espaço para que os alunos se posicionassem refletindo sobre o tema em pauta. Percebeu-se também que, por ela ter trazido um material diferenciado, os alunos demonstraram interesse um pouco maior em dar suas respectivas contribuições para que o momento de revisão alcançasse o seu objetivo.

Na sequência, foi aplicada uma atividade para que os alunos realizassem em casa, que objetivava requisitar dos alunos uma pesquisa para que eles correlacionassem os climas estudados com as atividades econômicas desenvolvidas nas regiões brasileiras. Um dos motivos que levou a bolsista a sugerir esta tarefa, remete ao fato de aliar um assunto do meio físico a um assunto político, visto que a economia é parte direta da vida dos alunos e na próxima haveria uma discussão de tais assuntos, para que eles compartilhassem suas pesquisas e suas visões sobre as economias desenvolvidas no Brasil, focando no Nordeste.

Na terceira aula corrigimos a atividade de pesquisa através da leitura e discussão das respostas trazidas por cada um. Neste momento, estimularam-se as discussões



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

críticas, mediante as capacidades de correlação dos climas e das atividades econômicas, assim percebendo-se que o homem se utiliza das propriedades físicas que a natureza oferece para convertê-las e desta forma suprir as suas necessidades.

No entanto, outra análise crítica foi feita, a partir das reflexões sobre representantes políticos e os descasos dos mesmos para com a questão hídrica no Nordeste, pois os alunos perceberam que os governantes poderiam procurar desenvolver atividades econômicas as quais visassem a utilização das matérias-primas que esta região pode nos oferecer, e não somente se voltar apenas para a utilização de água, que não é bem distribuída nessa região. Deste modo, a terceira aula se encaminhou para o fim com uma discussão razoavelmente proveitosa sobre a correlação dos climas e da economia e, para o final da aula, a bolsista entregou um texto sobre as Unidades de Conservação e solicitou uma pesquisa acerca da “biopirataria” que esses temas seriam discutidos na intervenção seguinte.

A quarta intervenção realizada iniciou-se com a discussão do texto entregue na aula anterior sobre Unidades de Conservação em conjunto com a pesquisa solicitada pela bolsista, a partir de tais temas foi inserido um texto referente à importância da vegetação da caatinga, assim como a diversidade de espécies que enriquecem a região. Desta forma, com base em textos e charges (Figura 4) analisamos a situação de descaso e de desvalorização da caatinga, assim como a falta de responsabilidade com uma área tão rica, que poderia ser fonte de renda para tantas pessoas.

Figura 4: Charges sobre o bioma Caatinga.



Fonte: <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt->



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na sexta intervenção houve a explanação do tema relevo a partir da apresentação das formas que compõem o Brasil através de mapas, e com foco na região Nordeste, foi perceptível nessa intervenção que houve um maior interesse dos alunos devido a aproximação com a realidade deles, tendo em vista que os mesmos vivem sobre uma forma de relevo muito conhecida, o Planalto da Borborema (Figura 5), e a partir de tal conhecimento eles demonstraram mais interesse e curiosidade sobre o conteúdo.

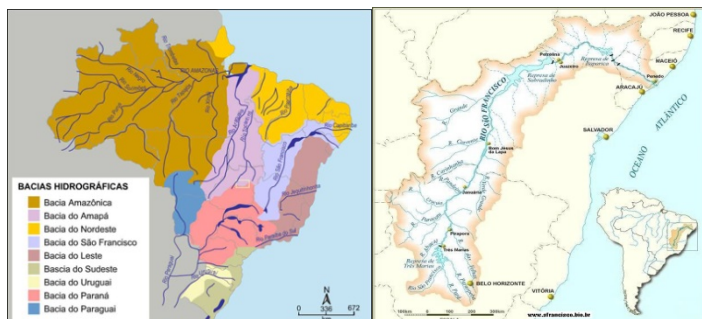
Figura 5: Serra de Bodopitá, Queimadas, situada no Planalto da Borborema.



Fonte: <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt->

Na sétima participação da bolsista a aula foi ministrada de uma forma diferenciada devido a problemas técnicos com o data show e com o computador, desta forma dificultando a assimilação do último assunto que seria abordado - hidrografia, pelo fato de que através dos slides a bolsista iria apresentar por meio de fotos, mapas e vídeos a importância e dimensão das bacias hidrográficas, assim como as dificuldades enfrentadas pela população do Nordeste pela escassez de água que vem ocorrendo desde 2013 e vem se agravando ano pós ano. Diante desse empecilho, a aula sobre hidrografia foi repostada e realizada com a utilização dos recursos que estavam sem funcionamento na aula anterior, sendo eles: data show, computador e caixas de som. Desta forma, houve a apresentação dos mapas (Figura 6), imagens e vídeos.

Figura 6: Mapas hidrográficos



Fonte: <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt->

O produto final do projeto foi a criação de paródias, essa escolha veio a partir de reuniões entre a bolsista e o professor orientador, tendo em vista que seria um meio de estimular a criatividade e correlacioná-la com os conteúdos trabalhados, assim podendo fazer com que eles relembassem os temas, revisassem as atividades em sala para, a partir disso, criarem e apresentarem para a turma como aqueles temas ficaram registrados em cada um.

A finalização do projeto se deu através da apresentação das paródias criadas pelos alunos (Figura 7), onde a música original seria escolhida por cada um e os temas das músicas deveriam ser referentes aos temas estudados ao longo dos dois bimestres - clima, relevo, vegetação e hidrografia.

Figura 7: Apresentação das paródias construídas pelos alunos.



Fotos retiradas pela pibidiana



Desta forma, os resultados alcançados, através das participações dos alunos, das discussões geradas em sala, das dúvidas questionadas, e das paródias construídas representam uma grande conquista para o professor em formação, pois os resultados foram perceptíveis e palpáveis, também é válido salientar a importância de uma base teórica, tendo em vista que os resultados alcançados foram obtidos a partir do processo inicial de leitura e compreensão do espaço a ser trabalhado. Portanto, vemos a importância do professor em formação, pois os educandos podem ser cada vez mais estimuladas através dos professor em formação, com a colaboração do professor supervisor e coordenadora, a partir da produção de metodologias que atendam às necessidades por eles enfrentadas.

4. CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados da presente pesquisa, constatou-se que:

- (i) os estudos teóricos foram de suma importância para guiar a produção das atividades propostas em sala de aula, ou seja, para que fosse possível aplicar da melhor maneira as metodologias necessárias, assim como identificar mediante observações em sala quais metodologias deviam ser utilizadas, sempre levando em consideração o meio onde os alunos estavam inseridos, assim como o público alvo a ser trabalhado;
- (ii) as intervenções realizadas foram bem aceitas pelos alunos e eficazes para o processo de ensino-aprendizagem, tendo um pequeno crescimento na participação dos discentes referente às discussões sobre o ensino da cartografia em sala, embora não tenha sido tão notória uma mudança de comportamento presencial em sala dos alunos que já eram faltosos antes da aplicação do projeto.

Os resultados alcançados nesta pesquisa são de extrema importância para a formação do professor inicial, tendo em vista que o contato com a sala de aula proporciona um amadurecimento do professor tanto para a percepção de ser educador de Geografia, assim como contribui para o amadurecimento teórico e de suas práticas, pois



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

atuar em uma sala de aula é vivenciar uma realidade única e contribuir com esta realidade significa crescer como educador.

Então, levando em consideração os avanços alcançados, pretende-se ampliá-los de modo que se possa crescer a partir de reflexões mais profundas sobre os temas trabalhados, desta forma a desenvolver cada vez mais concepções sobre a ciência geográfica, sobre a leitura consciente de mapas e, conseqüentemente a leitura consciente do espaço onde eles vivem, para, a partir de tal amadurecimento terem autonomia de conceberem visões e percepções que possam ter um significado em suas vidas, como também um significado em seus respectivos ambientes sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. 9ªed. **O Espaço Geográfico Ensino e Representação**: a importância da leitura de mapas o domínio espacial no contexto escolar propostas de atividades. São Paulo: Contexto, 2001

DAMIANI, Amélia Luisa. 3ªed, Educação Geografia e a Construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.) **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007

SIMIELLI, Maria Elena. O mapa como Meio de Comunicação e Alfabetização Cartográfica. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.) **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007

VESENTINI, José William. 3ªed, Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.